



BOLETIM DE COMÉRCIO EXTERIOR DA BAHIA JULHO 2025

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Julho 2025, 3

Importações, 7

Apêndice A – Julho 2025

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Balança – Brasil X Bahia
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela V – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VII – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Julho 2025

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela V – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela VII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais países por produtos exportados
- Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela XVI – Importações baianas – Principais países por produtos importados



Governo do Estado da Bahia

Jerônimo Rodrigues

Secretaria do Planejamento

Cláudio Ramos Peixoto

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

José Acácio Ferreira

Diretoria de Indicadores e Estatística

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

Arthur Souza Cruz Junior

Elaboração Técnica

Arthur Souza Cruz Junior

Kailan Matos Pereira (estagiário)

Coordenação de Disseminação de Informações

Marília Reis

Editoria-Geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais

Coordenação de Produção Editorial

Editoria de Arte

Projeto Gráfico

Ludmila Nagamatsu

Revisão Ortográfica

2Designers

Editoração

Alderlan Oliveira

Em meio às incertezas com o tarifaço de Donald Trump, as exportações baianas tiveram uma redução de -26,3% em julho, motivada por um recuo do volume embarcado de -24,1% e uma retração nos preços médios de -3%, todos comparados com igual mês de 2024.

Os principais segmentos de exportação do estado apresentaram forte recuo nos volumes embarcados, com exceção do setor de papel e celulose, que registrou aumento de 5,9% no volume de embarques no comparativo interanual. Em compensação, os preços caíram -24,7%, uma das quedas mais expressivas dentre os principais setores exportadores, reduzindo as receitas do setor em -20,3%. Com a redução de embarques atuando como principal motivador para a queda das receitas, o setor líder da pauta, o de soja e derivados, teve recuo de -32,7%; o de derivados de petróleo de -74,3%; o químico de -14,7%; o de derivados de cacau em -14,3%; o algodão em -22,6% e os minerais em -37,6%.

Na contramão do ocorrido nacionalmente, não houve, na Bahia, antecipação de embarques para os EUA em função do tarifaço americano. As vendas para os EUA no mês recuaram tanto em volume (-12,4%) quanto em valor (-3,6%).

É bom lembrar que, além da tarifa de 10% anunciada no início de abril para a importação de bens brasileiros, os EUA divulgaram, em julho, imposto adicional de 40%, totalizando 50%. A tarifa de 50% entrou em vigor em 06/08, mas com uma lista de exceção que corresponde a 40% da pauta baiana para o país (celulose, derivados de petróleo e sisal).

Entre os poucos segmentos que registraram crescimento em julho, na comparação mensal, estão metais preciosos (23,7%), puxado pela valorização do ouro no mercado internacional; café e especiarias (27,3%), devido à contínua alta de preços do produto no mundo; metalúrgicos (33,8%), devido ao aumento de preços e de volume embarcado do ferro silício, tanto pela UE quanto para Japão e Taiwan; frutas e suas preparações (75,5%), por conta do aumento das vendas de mangas e limões para UE e Chile e de água de coco para os EUA; e pneumáticos (76,1%) para os EUA, Argentina e México. Todos os setores registraram retração em relação ao mesmo mês do ano passado: a *Indústria de transformação* (-34,6%) a *Agropecuária* (-24,8%) e a *Indústria extrativa* (-1,8%).

Tabela 1 – Balança comercial – Bahia
Jan.-jul. 2024/Jan.-jul. 2025

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2024	2025	Var. %
Exportações	6.449.376	6.283.492	-2,57
Importações	6.539.692	5.282.757	-19,22
Saldo	-90.316	1.000.735	-
Corrente de comércio	12.989.067	11.566.248	-10,95

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 6 ago. 2025, <http://comexstat.mdic.gov.br>.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).
Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

Como previsto, mas com menor alcance, o Brasil, após sofrer uma tarifa “recíproca” de 10% em abril, foi penalizado, no final de julho, com uma alíquota de 50%, a mais elevada entre os acordos firmados pelos Estados Unidos. Apenas 694 dos cerca de 4.000 itens exportados pelo Brasil ficaram isentos da tarifa máxima, sendo a maioria bens não fabricados nos Estados Unidos (produtos agrícolas e insumos industriais padronizados) ou de difícil substituição (aeronaves civis). Segundo a Câmara Americana de Comércio (Amcham Brasil), 56% das exportações brasileiras aos Estados Unidos serão penalizadas pela tarifa máxima.

Na Bahia, as tarifas impostas pelo governo Trump terão impacto de forma localizada, afetando setores específicos das vendas externas da Bahia que têm a Ásia como principal destino, sendo que quase 30% vão para a China. Digo pequeno, especialmente porque, entre as exceções listadas, estão a celulose e os derivados de petróleo, dois entre os três maiores itens da pauta de exportação estadual. Mas alguns segmentos serão fortemente afetados. As listas de exceções atingiram apenas 33% dos produtos que a Bahia exporta para os EUA, e produtos como café, cacau e frutas, com vendas expressivas para os EUA, não foram contemplados. Mas o impacto será diferenciado e se dará, sobretudo, para produtos como a fruticultura, com destaque para a manga produzida no Vale do São Francisco, onde a situação é grave. Cerca de 30% da produção de manga do Vale do São Francisco é destinada aos Estados Unidos, e, caso o produto não seja incluído nas listas de exceções, haverá perdas significativas.

O setor industrial baiano é o que mais vai sofrer, afetando cerca de 270 produtos industriais. Haverá forte impacto nos produtos petroquímicos, que representam 23,5% das exportações para o mercado americano, e

um mercado importante para produtos petroquímicos básicos, intermediários, e para plastificantes, resinas e fibras. Aliás, a indústria petroquímica brasileira, incluindo o Complexo Petroquímico de Camaçari, que já enfrenta uma crise de excesso de oferta no mercado internacional, será fortemente afetada.

Há que se destacar ainda o setor de pneumáticos, que participa com quase 12% da pauta baiana para os EUA. Aliás, as três fábricas de pneus terão tarifa de 25%, metade da que será aplicada a outros produtos, mas o setor enfrenta uma forte concorrência da importação de produtos asiáticos no mercado interno e o mercado americano era uma alternativa de ampliação das vendas. Empresas produtoras de ferroligas, fertilizantes, minerais, metalurgia, conservas e sucos, massas, bolachas e biscoitos, couro e calçados, fumo e outras também foram atingidas.

Os derivados de cacau – especialmente a manteiga de cacau –, que representam 15% das exportações, serão impactados, e isso atinge uma cadeia do agronegócio que envolve mais de 40 mil trabalhadores e 17 municípios. Mas eles estão com alta demanda global e preços elevados, não sendo difícil encontrar novos compradores. O mesmo se pode afirmar com relação ao café.

Apesar de todos esses prováveis desdobramentos ruins para a economia brasileira e baiana, há razões para otimismo no longo prazo. Se o Brasil aproveitar a conjuntura para promover uma transformação estrutural, os ganhos futuros podem superar os custos imediatos. A desindustrialização levou à reprimarização das exportações: hoje, quase 70% das vendas externas concentram-se em produtos primários e bens industrializados intensivos em recursos naturais. As medidas de Trump evidenciam o alto custo de depender da exportação de *commodities*. É hora de reagir com ações estratégicas, as quais destacamos as principais sugeridas pelo economista André Nassif, publicadas em artigo do *Valor Econômico* de 08/08/2025:

1. Reforma da política de comércio exterior

É urgente promover maior integração entre a política industrial e as políticas de importação e exportação. A política industrial corrente – Nova Indústria Brasil (NIB) – praticamente ignora a política comercial. Uma reforma na estrutura tarifária é necessária, mas ela deve servir ao desenvolvimento industrial brasileiro, não aos interesses americanos.

É viável reduzir ou zerar tarifas sobre bens de capital e intermediários não priorizados pela NIB, e elevar moderadamente as tarifas de insumos estratégicos à substituição de importações em níveis apenas necessários para equalizar preços internos e externos, a fim de estimular a inovação, mas manter, simultaneamente, a pressão da concorrência internacional.

Nas exportações, é essencial ampliar e diversificar a venda de manufaturados com maior conteúdo tecnológico. Instrumentos como o *drawback* e financiamentos do BNDES e Proex-Banco do Brasil devem ser usados com mais eficácia. É urgente intensificar o *marketing* internacional para expandir a presença de produtos “*made in Brazil*” no mercado externo. A internet é o meio mais acessível, rápido e barato para alcançar consumidores diversos no mundo.

2. Ampliação e diversificação de acordos comerciais

Embora o multilateralismo da Organização Mundial do Comércio seja desejável, não se pode depender exclusivamente dele, sobretudo em tempos de incerteza. É preciso ampliar acordos bilaterais e regionais, especialmente com países em desenvolvimento cujos padrões de consumo se assemelham aos do Brasil e oferecem maior potencial de ganhos de escala e comércio intraindustrial. Acordos como o Mercosul-União Europeia não devem ser descartados, desde que incluam salvaguardas que preservem instrumentos como conteúdo local e compras governamentais.

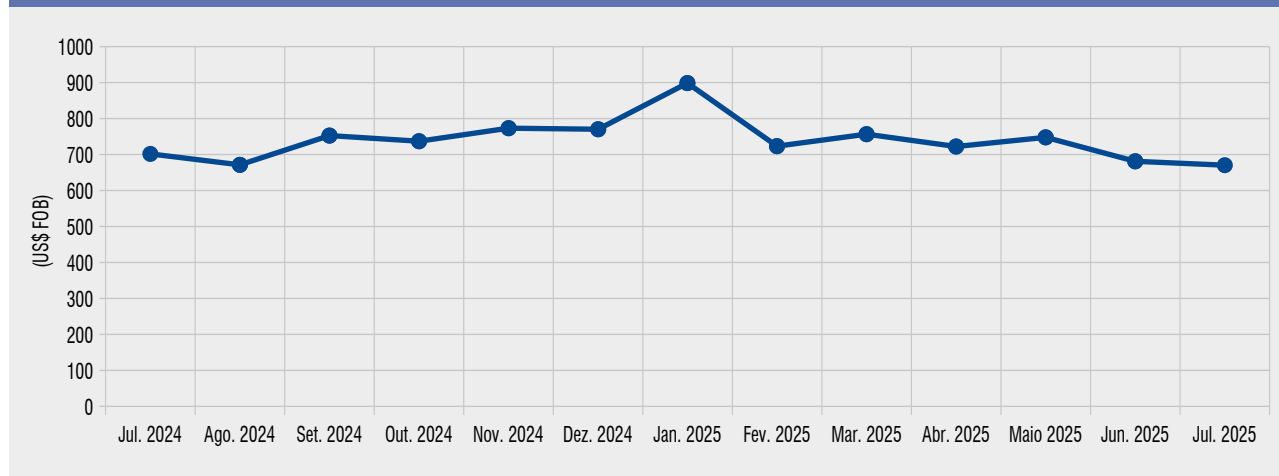
3. Promoção da reindustrialização

Apesar da expansão dos serviços, a indústria de transformação continua sendo o motor da inovação e do crescimento sustentável. A atual política industrial acerta ao focar em grandes missões estratégicas, mas precisa enfatizar três eixos: i) transição energética e adoção de tecnologias de baixo carbono nos processos produtivos; ii) digitalização da produção, com destaque à inteligência artificial; e iii) transformação industrial dos minerais críticos (lítio, cobre, cobalto, níquel e terras raras), amplamente utilizados em setores de alta tecnologia. Hoje, esses minerais são exportados com baixo valor agregado. O desafio é superar o modelo extrativista e construir uma política robusta de agregação de valor, resistindo às pressões de potências como China e Estados Unidos, que disputam essas riquezas. O Brasil deve evitar cair em uma nova forma de “colonialismo verde”.

Em suma, apesar dos prejuízos econômicos no médio prazo, o Brasil pode transformar o desafio em oportunidades no longo prazo, reestruturar sua política comercial, diversificar mercados e, sobretudo, promover

a reindustrialização baseada em inovação tecnológica. Essas oportunidades são o caminho mais seguro para fortalecer a soberania brasileira no futuro.

Gráfico 1 – Evolução do preço médio mensal das exportações baianas – Jun. 2024-Jul. 2025



Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 7 ago. 2025.

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado em julho oscilaram negativamente em relação a junho, em -1,6%, ficando também abaixo dos preços médios do mesmo mês de 2024, com recuo de -4,5%.

A evolução de preços de *commodities*, que têm mostrado tendência de queda, é um dos riscos para o desempenho das exportações estaduais esperado em 2025.

Nesse contexto, o cenário para a inflação tem se tornado mais favorável, com o efeito potencialmente desinflacionário das tarifas americanas sobre os produtos locais e o comportamento benigno dos preços ao produtor, que contribui para baixar os índices aos consumidores. O dólar mais fraco e *commodities* mais baratas têm ajudado a conter as cotações no atacado, enquanto o impacto do tarifaço deve aumentar a oferta de bens agrícolas no mercado interno.

O petróleo é um bom exemplo. Com produção em alta e demanda em baixa, haverá excesso de petróleo no mercado no último trimestre do ano, que deverá se prolongar por parte de 2026, segundo relatório da Agência Internacional de Energia (AIE). Em abril e maio, os preços internacionais do óleo encostaram nos menores valores dos últimos quatro anos, e no ano, na

segunda quinzena de agosto, recuaram em -12%. A fraqueza das cotações no segundo trimestre ajudou a Petrobras a reduzir o custo doméstico da gasolina e do diesel em julho. A superoferta é uma boa notícia para o combate à inflação nos próximos meses, se nenhuma surpresa ocorrer nos mercados – algo impossível de garantir na mais “geopolítica” das *commodities*.

Tabela 2 – Exportações baianas – Principais segmentos – Jan.-jul. 2024/Jan.-jul. 2025

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Segmentos	Peso (ton)		Var. %	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2024	2025		2024	2025			
Soja e derivados	3.378.624	3.538.194	4,72	1.501.631	1.358.351	-9,54	21,62	-13,62
Petróleo e derivados	2.228.599	2.056.896	-7,70	1.322.814	1.057.005	-20,09	16,82	-13,42
Papel e celulose	1.819.201	1.853.811	1,90	871.740	816.524	-6,33	12,99	-8,08
Metais preciosos	358	362	1,19	406.244	546.706	34,58	8,70	32,99
Algodão e seus subprodutos	228.289	270.548	18,51	430.074	432.730	0,62	6,89	-15,10
Químicos e petroquímicos	387.466	327.630	-15,44	534.701	407.351	-23,82	6,48	-9,90
Cacau e derivados	26.314	29.704	12,88	232.681	349.472	50,19	5,56	33,05
Café e especiarias	48.777	57.490	17,86	162.006	347.027	114,21	5,52	81,74
Minerais	314.800	465.426	47,85	389.797	334.619	-14,16	5,33	-41,94
Metalúrgicos	85.486	105.056	22,89	132.111	134.675	1,94	2,14	-17,05
Borracha e suas obras	19.303	18.833	-2,43	107.219	106.352	-0,81	1,69	1,67
Frutas e suas preparações	66.897	89.329	33,53	99.831	105.733	5,91	1,68	-20,68
Sisal e derivados	34.012	40.664	19,56	42.391	54.384	28,29	0,87	7,30
Calçados e suas partes	1.365	1.509	10,56	51.904	48.161	-7,21	0,77	-16,07
Couros e peles	12.115	17.983	48,44	32.275	28.847	-10,62	0,46	-39,79
Carnes e miudezas comestíveis	5.359	5.551	3,58	18.648	22.137	18,71	0,35	14,60
Milho e derivados	24.889	92.833	272,98	5.552	19.853	257,57	0,32	-4,13
Fumo e derivados	821	604	-26,40	20.000	18.188	-9,06	0,29	23,55
Máquinas, aparelhos e materiais mecânicos e elétricos	2.409	1.010	-58,06	27.775	16.063	-42,17	0,26	37,90
Demais segmentos	65.998	71.326	8,07	59.929	79.302	32,33	1,26	22,44
Total	8.751.086	9.044.760	3,36	6.449.376	6.283.492	-2,57	100,00	-5,74

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 6 ago. 2025, <http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

A soja e seus derivados permaneceram na liderança da pauta no acumulado do ano, mesmo com uma queda em seus preços médios no semestre em -13,6% no comparativo anual. Os embarques do setor, contudo, avançaram também 4,7% no período, resultado da boa safra colhida desde meados do ano. Ainda assim, as receitas tiveram recuo de -9,5%, comparadas ao mesmo período de 2024.

Enquanto China e EUA ainda não chegam a um acordo comercial, a Bahia deve continuar exportando volumes elevados de soja ao país asiático neste segundo semestre, em um momento em que sazonalmente as vendas americanas à China costumavam tomar a dianteira. Por outro lado, a baixa demanda pela soja dos EUA e a aproximação do início da colheita no país devem acentuar a queda dos preços na bolsa de Chicago. Em 12 meses, as cotações do grão já acumulam desvalorização de quase -10%.

As importações alcançaram US\$ 749,7 milhões em julho, também com recuo de -18,2% devido à contínua redução no ritmo da atividade econômica, o que resultou numa queda de -9,7% no volume desembarcado, enquanto os preços também caíram, na média em -9,4%, sempre no comparativo interanual.

Diferentemente do que se esperava no início do ano, e na contramão do que ocorre nacionalmente, as importações baianas recuaram, não só em julho, como no ano, impactadas pela queda nas compras de combustíveis (petróleo cru, nafta, querosene e óleo diesel), que fecharam o acumulado do ano com queda de -56,6%, sendo a única categoria a apresentar queda no ano. O setor de bens intermediários, majoritário (65%) na pauta das compras em 2025, segue crescendo, embora com menor ímpeto, pela resiliência do consumo das famílias e pela apreciação do câmbio.

É bom destacar que, em julho, o valor importado de bens de capital avançou mais que nas demais categorias econômicas, apesar da queda no ritmo da atividade. O volume desembarcado desse tipo de bem aumentou 6% em julho, com alta de 53% em valor e de 44,5% em preços. O dinamismo pode estar relacionado a uma maior demanda local por equipamentos em investimentos de infraestrutura e industriais de longo prazo.

Com os resultados apurados em julho, a Bahia exportou, no acumulado do ano, US\$ 6,28 bilhões, com queda de -2,6% ante o mesmo período do ano anterior. As importações somaram US\$ 5,28 bilhões, também com recuo de -19,2% no período. O saldo comercial da Bahia, até julho, chegou a US\$ 1,0 bilhão, contra um déficit de US\$ 90,3 milhões em igual período do ano passado. A corrente de comércio, soma de exportações e importações, alcançou US\$ 11,56 bilhões, com uma retração de -10,95%.

Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-jul. 2024/Jan.-jul. 2025
(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2024	2025	Var. %	Part. %
Bens intermediários (BI)	3.247.082	3.424.674	5,47	64,83
Combustíveis e lubrificantes	2.931.464	1.271.987	-56,61	24,08
Bens de capital (BK)	269.011	475.091	76,61	8,99
Bens de consumo (BC)	91.252	106.651	16,88	2,02
Bens não especificados anteriormente	884	4.354	392,74	0,08
Total	6.539.692	5.282.757	-19,22	100,00

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 6 ago. 2025, <http://comexstat.mdic.gov.br>.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).
Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

